

25

A Língua da Sogra

Como se imagina, Jeremias usa com bastante frequência o telemóvel, não só na sua vida particular como – e talvez ainda mais – na sua actividade profissional.

De facto, é espantoso como esses aparelhos (hoje em dia tão divulgados e acessíveis) conseguiram (e em tão pouco tempo!) alterar a vida de tanta gente, mexendo com hábitos, relacionamentos, contactos, negócios...

Mas, como tudo na vida, tem vantagens e inconvenientes, e o seu uso teve de ser regulamentado e, em certos casos, restringido.¹

Por exemplo: como se sabe, não se pode (nem deve) usá-lo enquanto se conduz, o que fez com que o nosso amigo começasse, já há algum tempo, a procurar alternativas – nomeadamente os chamados «sistemas de mãos-livres».

Mas aconteceu uma coisa curiosa:

Quando já estava bem informado acerca de modelos e preços desses aparelhos (e até tencionava obter um bom desconto, comprando dois em vez de um – não só para o seu carro, mas também para o gigantesco Cadillac da empresa), recebeu um telefonema do seu colega Salvador²:

- Caro Jeremias, a D. Rosa disse-me que você ia comprar um sistema de telemóvel de mãos-livres para o carro que lhe vendi...

- Sim, é verdade – respondeu o nosso jovem.

O outro prosseguiu:

- Não faça isso! Aliás, este meu telefonema é precisamente para lhe dizer que não precisa de fazer essa despesa! Ainda não perguntei na Direcção Geral de Viação, mas estou absolutamente convencido de que, nos Cadillac,

¹ Ver, neste mesmo *site*, a história «Música Celestial»

² Se bem se recordam, foi esse cavalheiro que, por intermédio da D. Rosa (que trabalha para ambos), vendeu o carrão à Makro-Teknika (ver, neste mesmo *site*, a história «O Ácaro Misterioso»)

é permitido usar o telefone normalmente, como se estivesse em casa ou na rua.

E passou a explicar a sua estranha teoria:

- Quando apareceu a proibição, a lógica dela era a seguinte: normalmente, o condutor guia com as duas mãos, evidentemente. Mas o Código da Estrada permite que o faça só com uma, pois a outra pode estar ocupada com a alavanca das mudanças. Quer isso dizer que, ao usar o telemóvel num carro normal, far-lhe-ia falta uma terceira mão...



Salvador com o seu inseparável telemóvel (Retratado por José Abrantes)

Até aí, Jeremias estava a perceber a conversa e nada tinha a objectar. Mas era evidente que o Salvador tinha mais coisas para dizer.

E, depois de um curto silêncio (como se estivesse a pôr as ideias em ordem ou a aquilatar do interesse que as suas revelações provocavam), prosseguiu:



O carro em causa (foto de catálogo da época)

- Ora, o Cadillac está equipado com mudanças automáticas, o que dispensa o pedal da embraiagem. Tem apenas dois (o do acelerador e o do travão), pelo que nunca é preciso libertar uma mão para meter as mudanças, podendo usá-la para telefonar sem infringir a lei, pois o espírito dela é ter sempre uma no volante (que, convenhamos, é o essencial).

A argumentação parecia impecável, mas o certo é que, como dizia o seu interlocutor, iria ser necessário confirmar junto de alguma autoridade...

Para terminar a conversa, o outro ainda fez o seguinte comentário, que rematou com uma gargalhada:

- Sabe, meu amigo? O argumento de que não se pode usar telemóvel enquanto se conduz «porque distrai», também tem lógica – e reconheço que pode até ser o mais importante. E pior ainda: se o condutor se envolve numa conversa desagradável, há acidente, pela certa - porque, além do mais, se enerva (o que é terrível para a segurança rodoviária). É o caso de quem tem de conduzir com a sogra ao lado (como tantas vezes acontece comigo), coisa terrível em termos de concentração e calma! Mas, antes de lhe ligar, também pensei nisso, pois sei que você ainda é solteiro...